



**Meditação da Regra: “Do serviço das paróquias” (Cap. XX, 3)**

Por fr. Michel Pagiossi, Cavaleiro e Preceptor da MSM no Brasil

Abril de 2013 – São Paulo - Brasil

*“O seu apostolado tenderá sempre a levar os seus irmãos até às origens tradicionais da vida espiritual, que formaram com a alma cristã das épocas de fé, toda a civilização que os cavaleiros têm que defender e promover”.*

Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo!

A cavalaria é, antes de tudo, um serviço. Ou seja, não se é cavaleiro para si mesmo, mas se é cavaleiro pela Igreja e para a Igreja. Como a Militia não é uma Ordem honorífica, também não devem buscar os seus membros, ou postulantes, nela a pura e simples honraria. A Militia quer cavaleiros que sejam verdadeiros cristãos com espírito de serviço. Se o hábito do cavaleiro o faz diferente dos outros, e até mais visado que os outros, ele também deve lembrar que aquele que o enverga o faz para servir e não para ser servido ou como uma honraria.

Igualmente, devemos lembrar que servimos a Igreja. Devemos amar a sã doutrina, procurando promovê-la e, igualmente, amar e defender o Romano Pontífice. É bastante simples e oportuno dizer que defende-se o papado, mas não o papa e, inclusive, julgar o Sumo Pontífice por não ser de nosso gosto. Será que nós temos, realmente, o direito de julgar a escolha do Espírito Santo por nossos gostos pessoais? Não, é claro que não! O cavaleiro não defende um papado pura e simplesmente imaginário, como também não cai no erro do ultramontanismo, mas defende o papa com amor, fidelidade e heroicidade. Ou se defende o papa reinante, “Doce Cristo na terra”, ou cai-se em uma porção de erros, o mais grave, provavelmente, o próprio Cisma.

Esse amor que se desenvolve em nós pelo Soberano Pontífice, igualmente, deverá estar presente no zelo pela Sagrada Liturgia, em suas formas ordinária e extraordinária; o amor pela difusão da sã doutrina; do amor, e da difusão dessa amor, à Virgem Maria, especialmente por meio da consagração à Jesus por meio das mãos de Nossa Suserana; o amor à Sagrada Escritura e tudo aquilo que é devidamente propagado pela Igreja como devoções verdadeiras.



Enfim, devemos defender a tudo aquilo que foi sagrado ontem, para aqueles que nos precederam na fé, e o continua sendo hoje. Defender a leitura, em todo o campo eclesiástico, da hermenêutica da continuidade e nunca da ruptura (seja caindo em uma simplificada ideia de uma era de ouro nos anos de 1950 ou na completa demonização do anterior ao Concílio Vaticano II). O cavaleiro defende as bases que fundaram a civilização ocidental, e, desta maneira, defende a própria Igreja como grande construtora dessa mesma civilização.

Há erros no mundo? Sim. Há trevas? Sem dúvida. E o papel do cavaleiro é, a começar pela sua vida, transformá-los. O papel do cavaleiro é tomar parte ativa na nova evangelização, levando o Cristo aqueles que nunca ouviram falar dele ou que fugiram do Senhor por vários motivos, um deles a crescente descristianização da sociedade. O cavaleiro é convidado a tomar papel, onde estiver, mas diretamente e sem medo, na difusão do Reino de Cristo. O cavaleiro, por ser cavaleiro, deve agir sem nenhum tipo de respeito humano.

Se há o combate, e ele sempre existirá, devemos lembrar que sem a caridade nada conseguiremos e que é muito mais simples influenciarmos uma multidão de pessoas pelo exemplo que pelas palavras, que podem, ou não, serem vãs.

Devemos trabalhar aonde estamos, no escritório, na universidade, na paróquia em suas diversas pastorais (e este último eu recomendo com vivaz insistência), para alargar cá embaixo as fronteiras do Reino dos Céus. Só assim, no combate com a Igreja, pela fé, seremos verdadeiros cavaleiros.

Louvado seja Nosso Senhor, Jesus Cristo.

Salve Maria!